

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ITAGUARI-GO: A CIDADE FUNDANDA EM UM CEMITERIO (1946-1989)

Alleks Endriw Pereira MACEDO¹

Derotina Helecir de Brito Alvarenga ²

RESUMO. O presente trabalho refere-se ao estudo o sobre o processo de formação urbana da cidade de Itaguari, evidenciando, a importância dos pioneiros e moradores da região, na sua fundação até sua emancipação. Esta pesquisa contribuiu para a preservação do patrimônio cultural Itaguarino, num tempo em que a memória de suas raízes e de seus antepassados perde força, pelo esquecimento da memória coletiva enquanto município. A análise do cotidiano percorreu vários aspectos sociais, como trabalho, política e religiosidade. O resultado foi à confirmação da importância do estudo das minorias.

Palavras-chave: Memória. História urbana. História oral. Formação do Vilarejo.

ABSTRACT. The present work refers to the study about the process of urban formation of the city of Itaguari, evidencing the importance of the pioneers and residents of the region, in its foundation until its emancipation. This research contributed to the preservation of the Itaguarino cultural heritage, at a time when the memory of its roots and of its ancestors loses strength, due to the forgetfulness of collective memory as a municipality. The analysis of daily life covered several social aspects, such as work, politics and religiosity. The result was confirmation of the importance of the study of minorities.

Keywords: Memory. Urban history. Oral history. Formation of the Village.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás, e-mail: alleks.macedo@hotmail.com,

² Mestra em História pela PUC-GO. Graduada em História pela UEG e em Ciências Econômicas pela PUC-GO. Professora da UEG, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás. Email: derotinabrito@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A organização deste artigo, vem com o intuito de analisar e interpretar o contexto histórico do processo de ocupação e formação do centro urbano do município de Itaguari-Go. Pesquisando a partir das memórias e das tradições do município. Tentando compreender a partir dos estudos feitos sobre o tema, como se deu a ocupação do território e formação do centro urbano. O recorte temporal estabelecido corresponde aos anos 1946 a 1989, período que se tem início a idealização e o movimento de fundação do vilarejo, até a sua emancipação como município.

Deste modo, faz-se necessário o uso de abordagens teóricas e metodológicas que possibilitaram as investigações sobre os mecanismos do processo de formação do centro urbano, mostrando que a história de Itaguari-Go, há grande relevância, para os que estão ali inseridos ou em seu meio. A partir do uso destas novas abordagens, que serão propostas nos dois primeiros subtítulos, haverá a possibilidade de entender e explicar o processo de surgimento do centro urbano, relacionando a necessidade de preservação de sua história.

HISTÓRIA E MEMÓRIA

Desde o surgimento do homem na terra, aconteceram várias revoluções, invenções e transições importantes que marcaram a vida de muitos habitantes. Além disso, o conhecimento da história gera o entendimento e a compreensão dos fatos que queiram ser mostrados. A memória é o principal instrumento de armazenamento do homem, pois através dela, o homem consegue reunir os fatos adquiridos e colocá-los em ordem para serem transmitidos a outras pessoas. Ela é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações cabendo este papel aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória, como são chamados. Esse papel social dos idosos foi sendo gradativamente perdido ao longo da história da sociedade, mas muito mais intensamente, na contemporaneidade.

Anteriormente, até o século XX, os historiadores de então escreviam seus textos, acreditando serem portadores da verdade única e absoluta, baseando-se nos documentos oficiais. Esta é uma das características da História até o século XIX e que costumamos denominar história positivista ou história política, que foi a forma dominante de história. A partir da revolução historiográfica, ocorrida durante a revolução francesa, com o Movimento dos Annales, houve uma

mudança na forma de olhar e analisar, o documento e sobre a forma da fonte histórica, sendo este processo fundamental para o surgimento dos estudos sobre cultura e memória.

Neste contexto a história oral, que repassada através de geração em geração, como uma herança ou um legado vindo da memória do povo ou antepassado que vivera algo que julgou ser importante a ser transmitido, tem estado no centro dos debates acadêmicos, não apenas no Brasil, mas no mundo, devido a necessidade de preservação deste passado, que se vê ameaçado e esquecido no tempo histórico, de onde apenas as memórias e as lembranças, e os objetos materiais restam no tempo presente, pois ainda não existe uma forma de se voltar no tempo.

Pierre Nora (1993) leva a refletir o poder de resgatar memórias que a tempo não se habitavam, e que às vezes nem eram conhecidas, uma vez que, o conceito de lugar de memória que, para ele, seriam lugares em todos os sentidos do termo, vai do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional; é o que resta e que se perpetua de outro tempo, ou seja, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12-13), sobre a importância destes lugares de memórias, o autor afirma que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos [...] (NORA, 1993, p. 13)

Halbwachs (2006) traz uma nova vertente para a noção de memória e apresenta então os quadros sociais que compõem a memória. Para ele, mesmo que seja particular de um único indivíduo, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Embora a memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, através do meio, cultural, social, político, educacional e econômico, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva, desta forma,

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Nesse sentido, a constituição da memória individual de um ser humano é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Nessa perspectiva, dar voz ao passado, através da memória, é de certa forma revivê-lo, não como ele exatamente foi, mas como ele existe ainda dentro do imaginário de cada indivíduo, de um grupo. Partindo dessa noção, deve-se voltar à atenção para a necessidade de especificação de quem são esses narradores que fazem das histórias de suas vidas objetos do presente estudo, se tratando de pessoas idosas, que de fato estiveram presentes ou ligados de alguma forma nos anos iniciais da fundação de Itaguari e nos anos em que sucederam.

Vale ressaltar que a memória é um dos pontos mais importantes para que o pesquisador que utilize da fonte oral possa chegar à conclusão necessária. Através da memória pode ser construída uma determinada história adormecida no passado. Porém, a história oral não é a memória. A memória é apenas um dos mecanismos utilizados para se realizar a história oral. Nesse sentido, a história oral mantém um vínculo importante com a memória, e vice-versa. A transposição das narrativas da memória para a história, a sociologia, a antropologia ou outra qualquer disciplina acadêmica, no entanto se dá na capacidade de diálogo entre a memória, da mediação da história oral e a história ou suas correlatas irmãs.

HISTÓRIA ORAL

Esse método possibilitou à História uma nova perspectiva de acontecimentos, já que, o que antes era aceito apenas o que era narrado em livros por autores já conhecidos passou a ser visto e ouvido, com uma nova perspectiva e por testemunhas que antes eram esquecidas ou ignoradas historicamente. Na ótica de Delgado (2010) a história oral é uma metodologia primorosa voltada à

produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber, nesse sentido, a história oral,

É um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (DELGADO, 2010, p.15-16).

A história oral durante algum tempo foi considerada uma fonte de menor importância em relação aos documentos escritos, com o passar do tempo é que foi ganhando espaço e importância no meio acadêmico. Conforme Thompson (1992) no final dos anos 70 os historiadores se tornavam menos defensivos em relação à história oral e declarava que essa poderia ser mais uma fonte e não um problema. O trabalho com fontes orais permitiu aos pesquisadores uma ampliação de conceitos de fontes. Somente com essa técnica foi possível que historiadores e antropólogos realizassem uma nova construção de acontecimentos a partir da memória de pessoas que presenciaram os eventos.

Deste modo, a história passaria a ser contada, e construída com base da memória do entrevistado, memória essa que sofre influências de agentes externos, agentes culturais. A história narrada não é somente os eventos contados. Não se tratando da história em si, mas sim da memória de quem a conta. Thompson acredita que “quando não existe história alguma disponível, ela é criada” (1992, p.21). E sobre a sua importância na sociedade, o autor afirma que:

Por meio da história as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas. Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para a sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história. (THOMPSON, 1992, p.21).

Segundo Delgado (2010) a história oral utiliza-se da memória para alcançar os objetivos que fora proposto, conforme o interesse da pesquisa a ser realizada, ainda mais se tratando de uma pesquisa, que fará o resgate da memória de um tempo ou de uma ocasião como o processo de urbanização e transformação social de Itaguari. O resgate da memória é o primeiro fator determinante, quando os historiadores utilizam a história oral. O papel social investido em cada passo da reconstituição de um fato, através da memória, é fundamental para alcançar o propósito da pesquisa. Pois, como afirma Delgado (2010):

A memória, principal fonte dos documentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a oculta-las pelas camadas protetoras que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim esta se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida.[...]

Também é usual que depoentes, estimulados pelas entrevistas, recorram a velhas relíquias ou antigos guardados, encobertos pela patina do tempo, como fotos, objetos, jornais, discos, cartas, poemas, entre outros recursos, que possam contribuir para tornar o ato de lembrar mais vivo. Os entrevistadores também podem incentivar com estímulos externos para que a memória flua com maior facilidade, ou mesmo seja ativada, já que é um processo vivo, atual, renovável e dinâmico. (DELGADO, 2010, p. 16-17)

Sendo assim, a produção de um depoimento é um trabalho conjunto entre depoente e entrevistador, onde juntos através da relação da pesquisa e do contato coordenado pelo entrevistador sobre a temática, produziram um documento, que derivara do conhecimento e da metodologia utilizada pelo entrevistador. O estabelecimento de etapas é de grande importância para que o documento final produzido possa ter utilidade pela pesquisa e aceito no meio acadêmico, para isto deve seguir uma ordem começando pela definição dos objetivos de estudos, pois “um objetivo bem definido e problematizado pode ser considerado como início promissor de qualquer pesquisa” (DELGADO, 2010, p. 24). A preparação da entrevista também é de fundamental importância, pois algumas providências, devem ser tomadas como a preparação de um roteiro de entrevistas, para que possa agilizar e contribuir para que os objetivos propostos pela pesquisa possam ser alcançados.

Assim, ao adentrar na história dos pioneiros, através de suas recordações, é essencial para recordar as lembranças de um tempo passado. Fazendo jus à necessidade de preservação da memória coletiva de povo e de uma geração, aonde cada vez mais se vê ameaçada, pelo próprio tempo, que não se importa, se a mesma está preparada para o não esquecimento ou não. O pesquisador ao utilizar do uso da história oral, quando está realizando uma entrevista, deve adotar de um ponto chave que determinará o futuro da pesquisa, a paciência, pois a memória não é um mecanismo que é ativado com um botão e sim é ativado de fatos que geram lembranças e que demoram a serem concluídos. Outro fator determinante é o foco da pesquisa que o entrevistador deve ter bem claro na mente, visando conduzir o entrevistado, para que não saia do objetivo da pesquisa.

Ainda mais, se tratando do estudo de um espaço específico, como a história de um município de Itaguari, que é o ponto chave de uma memória coletiva e identidade coletiva de um povo, porém esta memória, não está tão visível, pois ela se encontra na forma individual das recordações de cada um, sobre o passado e o cotidiano, fazendo necessário a utilização e da pesquisas sobre fontes orais (entrevistas), e do estudo sobre o local (espaço) a ser trabalho.

CRUZ DO CAMPO: UM CEMITÉRIO NO SERTÃO

Durante o início do século XX, surgiram muitos aglomerados urbanos em Goiás, tendo como explicação o processo de ruralização, com o aumento da pecuária extensiva, e a forte motivação pela idéia de progresso transmitida pela transferência de duas capitais em solo goiano, a capital do estado, Goiânia e a capital nacional, Brasília. Motivados por estes eventos, surgia a ideia de criar aglomerados urbanos, dada a necessidade e desejo das pessoas que viviam no campo. Necessidades estas que podem ser explicadas pela falta de amparo das cidades ao povo do campo, como saúde, educação, comércio, religião, interesses políticos e principalmente pela dificuldade de locomoção na época. Desta forma, isto não foi diferente no território correspondente ao futuro município de Itaguari-Go, de modo que se tornou um dos principais motivos para o surgimento do centro urbano.

Porém, o surgimento da cidade de Itaguari tem sua própria história que é única. Muito antes da criação e formação do povoado, já existia no local onde hoje é a cidade de Itaguari, conforme é relatado por depoimentos dos antigos moradores da região, além das pesquisas em fontes escritas, foi constatado que, era ponto de divisas de algumas fazendas, e local onde se encontrava um antigo cemitério do qual não se sabe o ano específico que foi criado.

Localizado em um local elevado e de terreno plano, de vegetação de cerrado rasteiro, conhecido no modo popular como “chapadão”, este local de campos de chapada, cercado de veios de água, foi-se constituindo uma espécie de cemitério, aonde segundo relatos, conforme é exposto pelos entrevistados, não havia uma preocupação de demarcação de limites, sendo que os corpos que eram enterrados naquele local eram colocados de forma desordenada, distantes uns dos outros, devido ao fato de não ter uma demarcação prévia do limite deste cemitério.

Além disso, este cemitério se localizava perto de antiga rota de trilha de estrada rural pelo sertão, que ligava Jaraguá à cidade de Itaberaí, Goiás. Os motivos do surgimento deste cemitério são controversos, devido os anos que se passaram e a falta de informações. Porém há duas explicações, que são repassadas na forma da tradição oral da contação de caso e também relatadas nas entrevistas, tidas como unanimidade. A primeira se baseia na questão da distância dos cemitérios mais próximos que existiam na época, sendo somente em Itaberaí e Jaraguá, desta forma, fora construído de modo que tornaria mais fácil para enterrar os mortos da região e arredores.

A segunda explicação vem de relatos de casos e do depoimento do senhor José Gonçalves da Silva - Zeca da Polonha - morador vivo, mais antigo de Itaguari - entrevistado aos 99 anos de idade. Quando perguntado, sobre a existência do cemitério, ele nos mostra que o cemitério é bem mais

antigo que a própria cidade, porém este se localizava no meio do cerrado, servindo para o sepultamento dos mortos. “Já, tinha no cerrado. Foi trazendo pra cá, mas era um cerrado”³.

Quando perguntado o porquê eles não enterravam na fazenda mesmo, tinha que trazer pra cá, ele nos relata, “não podia enterra né. [...] tinha uns, que enterrava. Enterrava, mas só quando morria de morte morrida, sem doença”⁴. O senhor Zeca da Polonha, ainda expõe, de uma suposta virose, ocorrida na região de Itaguari, que segundo ele teria matado grande parte da população da região, e que ele próprio havia pegado a doença na época.

Eu lembro, foi uma febre brava [...] Matou gente de mais, eu conto isso pra Maria, matou gente de mais, quase que não ficava ninguém. [...] Ai fizeram esse cemitério ai pra enterra o povo, pra não enterra perto das casas [...] Morreu um rapaz irmão do meu cunhado. Cumpadi Joãozinho Siqueira pertinho de Jaraguá correram com ele, ele morreu. Era brava de mais a febre, era uma febre mais brava, tinha casa de num fica ninguém morria tudo. Eu escapei porque eles correu comigo no foi o carro do Joaquim Mendanha de Itaberaí, pego correu com eu pra Itaberaí, de Itaberaí Dr. Gilberto cuidou de mim, mais eu fiquei sem serventia fiquei fraco, nunca prestei mais esse dia. Era brava ela matava mesmo ela.

Portanto, segundo seu depoimento, e a descrição de casos contados pelos idosos na região do município de Itaguari, a criação do cemitério foi feita devido a uma forte doença que devastou a população da região durante o final do século XIX e começo do XX. Sendo, como era de costume, o enterro de seus mortos próximos as casas de suas famílias, nas fazendas, esta tradição teve que ser mudada, devido ao fato da epidemia que assolou esta região, para tentar evitar a contaminação com os infectados pela doença, foi escolhido o alto de um chapadão onde nada se produzia para o enterro dos mortos.

A doença em questão segundo a sua fala e através de busca por enfermidades comuns da época seria a tifóide. Esta enfermidade era comum, as condições que existia nas comunidades do interior de Goiás naquele período do século XIX e XX, sendo esta enfermidade associada a baixos níveis socioeconômicos, relacionando-se, principalmente, com precárias condições de saneamento e de higiene pessoal e ambiental, condições bastante comuns naquele período.

Com o surgimento deste cemitério no meio do cerrado, a região ficou conhecida como Cruz do Campo, dada à presença do cemitério em um local sem habitações na redondeza. Lima (2002) em sua obra, sobre *O Poder Político de Itaguari e sua história*, no qual ela faz um levantamento através de entrevistas a antigos moradores, ressalta que o nome Cruz do Campo foi atribuído a redondeza, devido a importância que este cemitério tinha para a população.

³ José Gonçalves da Silva, Itaguari, entrevista cedida: 17/06/2017.

⁴ Iden.

A região de Itaguari teve o nome Cruz do Campo antes da formação do povoado de Campestre, sendo este o nome colocado na região por existir até um cemitério mais fácil para enterrar os mortos das regiões arredores, porque nessa época existia somente Itaberaí e Jaraguá. (LIMA, 2002, p. 48)

Desta maneira, identificamos na obra de Lima (2002) e nas falas dos depoentes, que o nome Cruz do Campo veio antes do nome Campestre, colocado posteriormente com a formação do povoado. O nome é proveniente da beleza natural existente e se refere ao campo, e, foi elaborado pelo fundador, o senhor Pedro Procópio. Mais tarde, por influência política de José Eduardo do Couto, o povoado passou a se chamar Itaguari, pois o mesmo quis fazer uma homenagem às duas cidades vizinhas, ITA= Itaberaí, GUA= Jaraguá e RI= Rio Sucuri.

A FUNDAÇÃO DE CAMPESTRE

Ao longo da história do município de Itaguari, surgiram várias versões nos testemunhos e obras produzidas, sobre quem foram os fundadores e sobre como se deu o processo de fundação do município. Um exemplo dessa divergência é Lima (2002) e Pinheiro (2010). As diferentes versões de um fato é bastante comum quando se trata da história, principalmente, de eventos que não foram devidamente documentados em época, como é o caso da história da fundação do povoado de Campestre e do distrito de Itaguari. Tendo em mente que estas histórias, podem ser reescritas ou reinventadas, tanto nos testemunhos quanto na escrita, para incluir ou excluir certo personagem e modificar os fatos e eventos históricos, através das relações de poder, provenientes de interesses tanto político, quanto de engrandecimento de certas famílias perante a outras, se torna mais complicado um trabalho memorialista. Contudo, vale ressaltar que devido ao pouco tempo que se passara, ainda hoje é possível encontrar relatos e depoimentos de pessoas que estiveram envolvidas de algum modo, no processo de fundação da cidade de Itaguari.

A organização, para a criação do povoado de Itaguari, se deu de acordo com relatos dos antigos moradores, da seguinte forma. No início de 1946, Pedro Procópio teve a iniciativa de criar um povoado, no município de Itaberaí, devido a uma série de motivos, já citados no subtítulo anterior. Para efetivar sua idéia, resolveu consultar os fazendeiros da região, em busca de apoio para seu objetivo. Assim começa sua jornada de posse de um pequeno caderno para anotações seguindo até a fazenda de José Eduardo do Couto, onde segundo o depoimento de seu filho Divino Procópio de Oliveira, o mesmo o recomendou:

(...) ai vai começa a pedir terra pro pessoal o primeiro que pediu foi Jose Eduardo do Couto deu um alqueiro para ele, e ainda falo pra ele "Pedro tenha cuidado funda patrimônio é muito difícil se quiser funda te ajudo te dou um alqueiro de terra pra você" ai depois ele foi pedindo lá e chegou a seis alqueires e meio, ai o último alqueire quem ajudou, foi o seu Isaias Galdino, mais um dinheiro dos leilões da novena pra inteira os sete alqueires de terra, essa história ele mesmo contava, que foi graças a dinheiro dos leilões que deu pra comprar sete alqueires)⁵

Este depoimento nos ajuda a compreender como se deu o processo para fundação do então povoado, demonstrando os caminhos percorridos pelo senhor Pedro Procópio, para a arrecadação. Entretanto, ao analisar a fala do senhor Divino, surgem questões que aguçam nossa curiosidade, como: por qual motivo o senhor Pedro Procópio recorreu à ajuda de outros fazendeiros; por que José Eduardo disse a Pedro Procópio para tomar cuidado; a inclusão do senhor Isaias e qual a necessidade de seu filho afirmar do que o próprio Pedro Procópio falou. Provavelmente a respostas para estas questões, levantadas a partir do depoimento, estão relacionadas à própria afirmação de uma versão, dada a necessidade de mostrar o mais fundamentado e exato.

Outros relatos de depoimentos estão na obra, *História de Itaguari de Campestre a capital da moda íntima*. Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto (2013), que diz:

O Pedro Procópio saiu com um caderninho e veio primeiramente no meu pai (Pedro Vasconcelos do Couto) então ele veio e falou pro meu pai o que é que o meu pai achava de fazer um povoado. Aqui era do meu pai. O meu pai falou: "Eu acho bom". O Pedro falou: "O senhor me ajuda?" Meu pai falou: "Eu dou um alqueire de chão". Aí ele pegou e deu o alqueire. Depois ele conversou com o tio Zequinha ele deu outro alqueire de chão. (Maria das Dores de Queiroz, 78 anos - Entrevista: 31/12/2004). (CARDOSO; COUTO NETO; JERONIMO NETO, 2013, p. 21).

Na obra os autores utilizam o depoimento da senhora Maria das Dores (Dona Dorica). Porém, ao ser interpretado nos faz indagar se a relação de gênero poderia estar marcada dentro da própria narrativa. Devido ao pouco espaço político e de poder da mulher durante um longo período, o que não foi diferente na região de Itaguari. Logo após, os autores nos trazem outro depoimento, desta vez mais bem fundamentado, o que nos leva novamente a reflexão da relação de gêneros marcados nas narrativas.

A cidade de Itaguari, naquele tempo que eu lembro, começou foi com o Pedro Procópio. Ele teve a idéia de fundar um comércinho aqui. Foi até a casa do vovô Zequinha e do vovô Pedro, conversou e perguntou se dava certo. Aí o vovô Zequinha falou que dava certo e que ajudava. Depois o Pedro Procópio saiu e foi na Dona Lindolfa, foi no Genésio e no Zé Baiano e ganhou mais terra. Cada um deu um alqueire de terras. Aí ficou o Joaquim Alves e o Salvador Vieira que não tinha terra aqui na beira de Itaguari. Os dois compraram terras do Genésio e do Zé Baiano e doou, também, para fazer a cidade. (Antonio Divino do Couto, 75anos - Entrevista: 07/02/2005). (CARDOSO; COUTO NETO; JERONIMO NETO, 2013, p. 21)

⁵ Divino Procópio de Oliveira. Entrevista cedida em 15/07/2017 em Itaguari-go.

Contudo, o objetivo dos autores ao utilizarem este dois depoimentos foi cumprido, demonstrando um elo comum entre as duas falas que seria o nome do senhor Pedro Procópio, como o idealizador do movimento. Desta forma, determinado a realizar seu sonho, percorreu conforme os relatos, amigos e vizinhos próximos ao local escolhido por ele, expondo sua intenção, como era bastante querido, pelos compadres da época, alguns gostaram tanto da iniciativa e da idéia, que lhe ofereceram auxílio na realização de seu intento doando o terreno para a fundação do patrimônio do povoado e da capela do mártir São Sebastião e Nossa Senhora de Fátima.

O local escolhido para criação do povoado, por Pedro Procópio, seria próximo das suas terras, apesar de não ter participado da doação, entrou com trabalho como o próprio filho complementa,

*Ele não tinha terra ali nem muitas condições, porém não deu terra, mais ele entrou com trabalho ele já tinha a terrinha dele lá no Sapezinho mais era mais pobre na época, ele entrou com o trabalho e com a vontade da idéia, o pessoal entrava com a terra, ele com trabalho*⁶.

Desta maneira, foi escolhido um local alto, no meio da chapada, ponto de divisa de várias fazendas, próximo a um antigo cemitério, Cruz do Campo, que teve grande influência na escolha do local. Este terreno era cercado de riachos fartos ao seu redor. Este local fora escolhido segundo os entrevistados, pois:

*Eu acho porque era uma área geograficamente bem servida de água. E terreno plano, campo. Naquele tempo o campo era tido como terreno de pouco valor. É pra cidade era terreno plano terreno de fácil, de fácil manuseio não tinha demanda de estrada difícil, o terreno era plano era mais fácil, já havia uma estrada de Jaraguá que vinha para Itaberaí e passava aqui no campestre, entrava pelo Sucuri, entrava aqui no município de Itaberaí na divisão com Jaraguá. A divisão era um ponto estratégico aqui, geograficamente um ponto estratégico. Onde tinha as estradas e as comunicações, as duas vias de comunicações, era uma via alias, de Jaraguá para Itaberaí era onde transitava*⁷.

Assim, a escolha do local, conforme a narrativa se deu devido às especificidades da região, pois segundo a fala este era caminho de estradas que interligavam a cidades de Itaberaí e Jaraguá, além de ser um terreno plano sem muito valor. Já o relato do senhor Joaquim Marques Cardoso, mostra outro possível fator para a escolha do local, em seu depoimento ele aborda a relação da transferência da capital de Goiás e criação de Goiânia, sendo uma possível fonte de inspiração para o surgimento da idéia. Com base neste relato, também podemos perceber a influência que a

⁶ Divino Procópio de Oliveira. Entrevista cedida 15/07/2017 em Itaguari-go.

⁷ Patrocínio José dos Reis. Entrevista cedida 17/06/2017 em Itaguari-go.

mudança da capital trouxe além de abrir a possibilidade de um novo mercado consumidor para os produtos da região devido à proximidade com as rotas que interligava a futura capital à antiga.

A ideia de criar a cidade foi em comum naquela época, povo já tinha a mentalidade de criar, é com a transferência de Goiânia uma referência muito grande, e aí conta as mais pessoas antigas aqui que o Pedro Procópio tinha uma idéia mais elaborada de criar um comérciuzinho de uma cidadezinha, e saiu de casa em casa procurando os principais líderes da região, pra arrecadar terras pra fundar, aí ele começou a seguir as propostas de doação dessas terras, na região mais próxima do cemitério que era uma região de chapadas e não tinha muita vegetação e ela não era terra propícia pra agricultura, era um cerrado, era perto do cemitério era um local de pouca utilidade aí o pessoal começou a doar as terras.⁸

Considerando as falas dos depoentes, a versão da fundação que prevaleceu, sobre os doadores de terra, foram: José Eduardo do Couto, Pedro do Couto, Salvador Vieira, Joaquim Alves, Dona Lindolfa, Genésio Paulino, José Paulino e Isaias Galdino. Desta forma, foi registrado no início de 1949, três anos após, ao início da fundação da capela do Mártir São Sebastião, a doação de sete alqueires de terra, em favor da Diocese de Goiás, para Paróquia de Itaberaí⁹,

Ao analisar a posição social destes doadores, notados que todos pertenciam a uma situação econômica mais rica, comparada aos demais moradores da região, sendo todos fazendeiros com médias e grandes propriedades e detentores de poder. Porém há controvérsias, sobre quem foram os doadores de terras e a quantidade de terreno que fora doado. O filho de Pedro Procópio nos relata a existência de mais um doador, este sendo de uma situação econômica e de poder mais fraca, o senhor Isaias Galdino de Oliveira. Segundo seu próprio pai dizia, que ao final das doações se conseguiu seis alqueires e meio, porém juntamente com o dinheiro dos leilões, obtidos nos terços para levantar dinheiro para a construção da capela, seu Isaias também havia doado dinheiro para completar os sete alqueires. O nome do mesmo aparece em um marco simbólico localizado na praça central onde foi rezado o terço. Neste marco contém informações dos pioneiros de Itaguari, e nele consta o nome de Isaias Galdino de Oliveira como doador.

Com base nos depoimentos da pesquisa, foi reproduzida uma representação de como provavelmente seria a primeira capela, surgida no início do povoado, através dos esforços dos moradores e devotos. O recorte temporal, reproduzido na obra é de 1947-1948, é possível observar ao fundo a primeira casa construída, simultaneamente, com a capela e os dois pés de jatobás do cerrado onde foi realizado o terço.

⁸ Joaquim Marques Cardoso. Entrevista cedida 24/06/2017 em Itaguari-go.

⁹ Documento de numero de transcrição número 8.067 às folhas 128, do livro 3 –t do cartório de registro de imóveis da comarca de Itaberaí – estado de Goiás.

Foto 1: Representação da primeira capela de Itaguari com base nos depoimentos.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Outro marco importante para a história da cidade de Itaguari se deu nos anos 1988 com a nova Constituição Federal, surgindo várias mudanças no Estado de Goiás com a separação do território do Tocantins, possibilitando a emancipação de vários aglomerados urbanos que tinha posição de distritos em Goiás. Um destes distritos a serem emancipados politicamente, favorecidos pela abertura política, foi o município de Itaguari, sendo o principal interventor político Ramiô Rodrigues e futuro prefeito eleito no ano seguinte. Este já ocupava a posição de principal liderança política da região e representava o distrito como vereador, antes da emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo, compreender como se decorreu a história do município de Itaguari. Conforme o uso dos dados obtidos, comprovou-se que um determinado fato histórico, não acontece por mero acaso. Sendo assim, todo evento histórico que pode vir a

acontecer ou já aconteceu, teve ou terá em seu passado, todo um processo que possibilitou a sua existência. Durante a pesquisa, foi descoberto que a própria história de Itaguari começa bem antes da sua própria fundação.

No decorrer do tempo histórico, vários indivíduos passaram por estas terras goianas sem perceberem, que os mesmos influenciariam em decisões futuras na escolha do local do referido município. A origem da ocupação de Itaguari está relacionada inicialmente aos povos indígenas da etnia caiapó, que ocuparam vasta região do mato grosso goiano, devido suas riquezas em fauna e flora. Com a queda da mineração e consolidação da formação de Sesmarias e o surgimento da economia com base pecuarista, influenciou o processo de ruralização e ocupação do território goiano.

No contexto destas transformações, outro fator apontado foi o levantamento de questões políticas nos âmbitos, nacional e estadual, que influenciaram na migração de povos, principalmente, famílias oriundas de Minas Gerais e Bahia, para as regiões Itaguarinas e na consolidação do vilarejo. Podem ser citados programas como, implantação da ferrovia (1910), a Macha Para o Oeste (1938) e as mudanças das capitais com a criação das cidades de Goiânia (1933) e Brasília (1956). Porém já era prevista desde a Constituição de 1881. Marcando mudanças na ocupação do território goiano e transformações do comportamento social e cultural da região.

Com base nos dados obtidos, confirma a resposta para alguns dos problemas norteadores propostos no trabalho. Comprovou-se que durante a formação do município, desde sua fundação até sua emancipação, ocorreram movimentos de mobilização social.

Estes movimentos foram ocasionados pelas transformações sócio-culturais, e a região de Itaguari se transforma com a vinda destas levas de imigrantes, em um processo de ruralização e ocupação do território goiano, ocasionando um novo modo de pensamento ocupacional e econômico. As influências religiosas, fortemente presente na sociedade brasileira, esteve presente na história de Itaguari.

Sobre os fundadores, com base nos documentos analisados e dos depoimentos obtidos, surge o nome de Pedro José de Oliveira (Pedro Procópio) como primeiro idealizador e principal articulador, em prol da fundação do povoado, surgindo dele a iniciativa de organização de uma mobilização. Entretanto, o resultado da pesquisa nos mostrou que este, apesar de ser o fundador, não conseguiria a realização de seu intento sem a ajuda dos outros doadores de terras e pessoas, que de algum modo, contribuíram para a fundação. Desta forma, neste trabalho se apresenta oito

doadores de terras, considerando como co-fundadores de Itaguari, também foi interpretado como co-fundadores aqueles que participaram de alguma forma do processo, como os rezadores do terço, pessoas que ajudaram na construção da capela e os primeiros moradores.

Esta mobilização pode ser explicada historicamente, pelo descaso do poder político, pela falta de comércio, pela busca pelo religioso e pelo desejo de suprir as necessidades, que esta população passava, nos interiores de um Brasil tão imenso demograficamente. Dezenas de pessoas simples que viviam no interior em busca de seu sustento e o desejo de melhores condições de vida.

Comprovou-se que o poder político de Itaguari, está fortemente enraizada nas delimitações de ideologias e interesses por aqueles que o controlou. Demonstrou que ao longo da história de Itaguari, a interferência do poder político ou fato dele, acarretou a uma submissão por parte de Itaguari às cidades vizinhas. Este processo de passividade por parte da população de Itaguari devido a controle político, só foi rompido com o surgimento de um nome forte, capaz de demonstrar, de lutar pela emancipação de cidade.

Este processo ocorreu com a eleição do candidato a vereador Ramiô Rodrigues, sendo nele depositadas as esperanças de um povo passivo, que não lutava e não demonstrava interesse, em lutar pelos seus próprios direitos. Ramiô utilizou-se do apoio da população, para a efetivação da autonomia política e emancipação de Itaguari.

Desta forma, torna-se imprescindível, transcrever os percursos percorridos, as emoções sentidas e compartilhadas no transcorrer da produção deste trabalho, tendo em mente que não foram apenas utilizados documentos, com conceitos já elaborados escritos ou objetos inanimados. Longe disto, trabalhou-se com seres humanos, que durante suas falas, rememorando suas lembranças, fotografias e suas recordações, se afloraram emoções, que ora se alegraram, ora se entristeceram e choraram por entes queridos ou por lembranças que o carrasco tempo não deixa retornar a vivê-las, ao reverem as fotografias de tempos passados.

Esta pesquisa tem relevância pelo fato de que se ouviram experiências de vida de pessoas que já deram sua parcela de contribuição para a sociedade e que hoje falam de solidão. O fascínio da memória humana é uma infinidade de vezes maior, mesmo com seus lapsos, suas manipulações e esquecimentos. Pois, só o ser humano consegue sentir e transmitir emoções.

Portanto, este trabalho se justifica na medida em que se demonstrou, como importante meio para preservação e valorização da história do município de Itaguari, sendo esta responsável pelo papel de guardiã da memória coletiva e identidade do povo Itaguarinense, se tornando desta forma um patrimônio cultural municipal digno de ser preservado.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Joaquim Marques (Org.); COUTO NETO, José Eduardo do; JERONIMO NETO, Osmar José. *História de Itaguari: de Campestre a capital da moda íntima*. Goiânia - GO: Editora Scala, 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral – memória, tempo, identidades*. 2º edição. Belo Horizonte - MG. Editora Autentica, 2010.

GONZAGA, Agnaldo Divino. *Milagre e Castigo: mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO*. Goiânia – GO, Universidade Federal de Goiás, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

LIMA, Alessandra Martins de. *O Poder Político de Itaguari*. Goiânia – GO, Universidade Salgado de Oliveira Universo, 2002.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, pp.07-28, dez.-1993.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. *Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção de tradições*. Goiânia - GO. Editora PUC Goiás, 2010.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 1992.